

atuava com o mesmo sentido de liberdade com o qual afrontava as questões próprias da arquitetura”, pontua.

Nessa primeira fase, a marca paulistana optou por reeditar duas peças: a poltrona com bolas de latão e estrutura tubular e a cadeira Tripé, projeto de 1948, feita de conduíte metálico e couro-sola. Sob todos os aspectos, uma total ousadia para os padrões de gosto da época.

Duas outras criações – uma delas desenhada para a casa da arquiteta – foram pela primeira vez editadas: um modelo dobrável, criado para o auditório da primeira sede do Masp, na Rua 7 de Abril, em 1947, e a inédita poltrona de balanço. “Ela ocupava posição de destaque na biblioteca de Lina”, conta a proprietária da marca, Etel Carmona, que escolheu a célebre Casa de Vidro, o antigo lar dos Bardis no Morumbi, como cenário para o lançamento da nova coleção, na semana passada.

Construída em 1951 para ser a residência da arquiteta e de seu marido, Pietro Maria Bardi, a casa, suspensa sobre pilotis em meio a uma colina de vegetação exuberante, abriga obras de arte, móveis, documentos, além de desenhos que pertenceram ao casal, e hoje está aberto à visitação pública. Desde 1990, o edifício funciona também como sede do Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, que detém os direitos de produção sobre o mobiliário em questão.

O histórico da marca, que já reedita, com exclusividade, móveis criados por Anna Maria e Oscar Niemeyer, além de manter em catálogo peças de Jorge Zals-

supin, Carlos Motta e Claudia Moreira Sales, entre outros, sem dúvida pesou na decisão do instituto em conceder à Etel a exclusividade sobre a produção e comercialização do mobiliário da arquiteta. Outra ponto favorável, o potencial de difusão da marca também contou pontos: além de um endereço na Alameda Gabriel Monteiro da Silva, os móveis produzidos pela movelaria paulista contam com pontos de vendas em diversas capitais do mundo.

Como acontece com as demais criações Etel, os móveis da coleção Lina são feitos à mão e têm uma sequência numérica que identifica as características de origem, matéria-prima e fabricação do produto, bem como o nome do artesão responsável por sua confecção. “Nosso objetivo maior é preservar a história do design brasileiro. Nesse sentido, produzir hoje o mobiliário de Lina representa a consagração de nossos ideias”, explica Lissa.

Segundo a empresária, mesmo pensados para serem produzidos como peças únicas ou, no máximo, em tiragem limitada, por sua racionalidade, os móveis da arquiteta reúnem todas as características necessárias para viabilizar sua possível industrialização. O que, provavelmente, vai servir de estímulo para outras reedições.

“Durante a fase de pesquisa, tive a grata surpresa de deparar com croquis e imagens de projetos inéditos. Nesse primeiro momento, focamos nosso olhar só no período inicial da produção dela”, declara a empresária, antecipando que, ao que tudo indica, em se tratando de Lina, muito ainda está por vir.



HÉLVIO ROMERO/ESTADÃO - 5/2/2013



FOTOS: DIVULGAÇÃO